



**RESENHA:** DORS, Litiara Kohl. *Merleau-Ponty e Winnicott: intersubjetividade e psicanálise infantil*. Porto Alegre: FI, 2019, 164p [ISBN: 978-85-5696-663-6]

### **Merleau-Ponty e Winnicott: intersubjetividade e psicanálise infantil**

MÔNICA CHIODI<sup>1</sup>

Em seu mais recente trabalho, *Merleau-Ponty e Winnicott: intersubjetividade e psicanálise infantil*, Litiara Kohl Dors perspectiva uma interface pouco explorada na literatura: a recepção fenomenológica da psicanálise. Assim, muito embora não haja evidências que ambos os pensadores tenham se conhecido ou até mesmo trocado ideias por meio de suas obras, a autora chama a atenção para o quanto é visível, para além de diferenças próprias, certa convergência entre a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty com os trabalhos clínicos psicanalíticos do médico inglês Winnicott acerca da intersubjetividade e da psicanálise infantil. Eles convergem, em certa medida, principalmente quanto aos conceitos de “*espaço transicional*” (Winnicott) e “*campo fenomenal*” (Merleau-Ponty). Em outras palavras, o filósofo e o psicanalista atestam uma relação de transição entre o âmbito interno e o âmbito externo na constituição das relações dos indivíduos com o mundo e com a formação da própria consciência, indo na contramão, portanto, tanto da tradição filosófica quanto da própria psicanálise ortodoxa.

Desse modo, a ideia solipsista cartesiana de *cogito* circunscrita nas *Meditações Metafísicas*, na qual Descartes, confere apenas ao intelecto o conhecimento verdadeiro, afastando assim, o conhecimento empírico e legitimando a “dualidade cartesiana corpo e alma”, configura-se em um problema posteriormente abordado tanto pelo idealismo alemão quanto pelo idealismo fenomenológico, de inspiração husserliana. É bem verdade que, nesse sentido, Husserl, fundador da fenomenologia, faz crítica ao solipsismo cartesiano, via um idealismo

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: monica\_kiodi@hotmail.com

fenomenológico transcendental, ao afirmar que o *ego cogito, ego sum* “é um fragmento do mundo” apontando, pois, para a ideia de um *alter ego*, que é uma *consciência transcendental* formada no âmbito cultural. Como ele atesta: “[...] o ego constitui-se para si mesmo em algum tipo de unidade de uma história” (HUSSERL, 2001, p. 91). Ora, é frente a essa problemática do “outro”, que surge a figura de Max Scheler, como o primeiro a pôr, em questão, o idealismo transcendental e, com isso, ensaiar uma superação do solipsismo. Para ele, não é possível diferenciar a consciência do *ego* da consciência do *alter ego* como, por exemplo, advogava Husserl. Eis porque Scheler passa a descrever a consciência como “opaca” ao introduzir o conceito de *expressão*. Pois bem, “tal ideia assume uma significação fenomenológica substancial à medida que a expressividade é uma manifestação *sui generis* da consciência” (Dors, 2019, p. 54). Isso significa dizer que, para este filósofo, não há diferenciação entre as diversas formas de expressividade e consciência.

Diante desse contexto, Merleau-Ponty concebe uma nova concepção fenomenológica de consciência, diferenciada tanto da noção cartesiana quanto da husserliana. Para o fenomenólogo francês, ao referir-se ao empirismo e racionalismo assegura que “[...]o que nós fisiólogos e psicólogos deixamos de explorar, em suas análises, é o fato de que o corpo irradia uma significação mais rica, quer dizer, ele potencializa uma nova experiência: a do meio afetivo como uma zona vital ou um aspecto concreto de existir” (SILVA, 2009, p. 67). Assim, Merleau-Ponty, apresenta a noção de “consciência perceptiva “[...] a consciência perceptiva como uma impercepção como percepção: eu vejo as ‘coisas’ sob a condição de não as constituir” (MERLEAU-PONTY, 2003, p. 2012). Essa posição que Merleau-Ponty assume nos seus primeiros escritos e se estende até meados dos anos 1950 é uma descrição de uma ordem de experiência que se revela como essencialmente singular radicada, pois, no corpo próprio. É somente a partir do período de 1956 a 1961 que o filósofo redireciona outra leitura acerca do corpo tendo como pano de fundo a tarefa de uma “reabilitação ontológica do sensível” que terá na noção de carne seu estatuto por excelência. A carne nada mais figura do que “o tecido comum de que somos feitos” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 257). É em função disso que o diálogo para com a psicanálise assume outros contornos, pois, como escreve o filósofo, “com a psicanálise o espírito introduz-se no corpo, assim como inversamente, o corpo introduz-se no espírito” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 290). Ou se quiser, cabe reconhecer, “[...] a filosofia de Freud como uma filosofia da carne” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 364), uma vez que o pensamento freudiano não interpreta ou reduz a sexualidade a simples processos mecânicos ou físico-químicos.

Winnicott, por sua vez, afasta-se do pensamento freudiano e de Melanie Klein, vindo, pois, a elaborar a teoria do *amadurecimento*. Assim, ao ressaltar a importância do ambiente para a formação da consciência do bebê, uma vez que ao nascer o bebê não tem formado a consciência de um “Eu” e “não eu”, Winnicott

observa que, “nestas primeiras e importantíssimas semanas de vida do bebê, os estágios do processo de amadurecimento têm sua primeira oportunidade de se tornarem experiências do bebê” (WINNICOTT, 2006, p. 8). O ambiente é de extrema importância para a formação saudável do bebê. Esse ambiente, aliás, que também deve ser saudável, lhe proporcionará os estágios de amadurecimento. Desse modo, o “Eu” constitui-se num processo de psique e soma, pois “[...] o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (WINNICOTT, 1988, p. 11). Nessa perspectiva, o bebê em contato com a mãe, vai experimentando objetos do mundo. Isso se dá, inicialmente, na “crença” de que são criados por ele e nas palavras do psicanalista “o mundo é criado por cada ser humano, que começa o seu trabalho no mínimo tão cedo quanto o momento de seu nascimento, da primeira mamada teórica” (WINNICOTT, 1988, p. 110-111). Torna-se, contudo, necessário um momento na vida do bebê, em que ocorra a frustração gradativa ou o estágio de desilusão oferecido pela mãe, para aí ele perceber o “Eu” e o “não eu”. Quer dizer, essa ruptura é necessária para que o bebê perceba a presença do “Outro”. É justo nessa fase, descreve Winnicott, que surgem os *objetos* ou *fenômenos transicionais* ou, ainda, o *espaço transicional*. É a partir de tais conceitos que o bebê inicia a percepção e tem consciência do “eu” e do ambiente externo. Nessa fronteira de entre o mundo objetivo e o subjetivo, o bebê constitui-se enquanto consciência do EU SOU. Dessa maneira, a teoria winnicottiana desconstrói o solipsismo vigente até então em certos paradigmas da psicologia infantil como, p. ex. a epistemologia genética de Piaget, revelando a importância do “não eu” para a consciência do “EU SOU”.

Já no que tange às convergências fenomenológicas e psicológicas da criança, tanto para Merleau-Ponty quanto para Winnicott, é a abordagem da alteridade que também passa a assumir um interesse particular. “A questão” – como bem retrata Dors (2019, p. 126) – “é que tanto Winnicott quanto Merleau-Ponty compreendem um consciência dotada de características próprias que a diferenciam do mundo, sem, no entanto, perder para com este, suas raízes carnis ou transicionais”. A experiência vivida transita entre o mundo e a consciência no mundo, entre o “corpo próprio” e o “outrem” e, por isso, toda a ideia solipsista torna-se uma aporia, “via experiência carnal e transicional em que a criança se reconhece já em processo de humanização e mundanização com outrem. (DORS, 2019, p. 126)”. Ora, não parece ser possível então, a construção de uma “consciência”, do EU SOU, apenas sob análise da ciência, uma vez que tal ação remete ao mundo vivido, ao mundo experiencial em sua expressão mais primordial.

Ainda, tanto para o fenomenólogo quanto para o psicanalista, o afeto é constituinte do corpo, razão pela qual “a integração também é estimulada pelo cuidado ambiental. Em psicologia, é preciso dizer que “o bebê se desmancha em pedaços a não ser que alguém o mantenha inteiro” (WINNICOTT, 1988, p. 117). Isso

revela que o bebê não é só físico ou biológico, mas que depende das relações externas para formar-se internamente. Além disso, o *ego primitivo* depende de uma mente adulta para seu processo de *amadurecimento* contribuindo para que a relação mãe-bebê seja, de fato, fundamental. Ora, é sob esse prisma que Merleau-Ponty, uma vez inspirado em Hegel, perspectiva a tarefa de um “alargamento da razão”, uma racionalidade mais ampla no sentido de compreender toda alteridade radical, carnal com outro (seja este o primitivo, o louco, o animal ou a criança) como temas matriciais. É nessa medida que a filosofia e a psicologia infantil, por exemplo, podem comparecer ou confluir em certa medida.

O trabalho de Litiara K. Dors é originalmente, nessa direção, uma tentativa, uma amostra fecunda de um debate ainda carente no meio acadêmico.

Submissão: 28. 08. 2019 / Aceite: 02. 09. 2019